

ESTÁGIO CURRICULAR DESAFIOS DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Maria Lúcia Santos Ferreira da Silva¹

A escolha do tema deste artigo surgiu após a realização de um estudo sobre a realidade do estágio na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os dados extraídos dos projetos dos cursos de graduação e de oficinas de auto-avaliação, realizadas com professores e alunos dos sete centros acadêmicos,² apontaram para a necessidade de se refletir sobre o estágio como componente curricular.

O desenvolvimento dessa temática tem como pressuposto básico a compreensão do contexto da universidade, que diante do avanço científico e tecnológico e das mudanças nas relações de produção e de trabalho, com desdobramentos nas dimensões política, econômica e cultural da sociedade, é desafiada a repensar o processo pedagógico.

O desencadeamento desse processo é perpassado por tensões. Há o enfrentamento de duas lógicas: a da profissionalização técnica, priorizando a dimensão tecnológica do pensamento e a da formação, delineada na dimensão filosófica, ético-humanista e social.

Nesse confronto, a produção e a disseminação do conhecimento, função precípua da universidade, é ameaçada pelas exigências de uma profissionalização que atenda aos interesses do mercado. Estes, de natureza imediata e volátil, não podem ser os

¹ Professora aposentada do Departamento de Serviço Social, da UFRN. Atualmente, Coordenadora Didático-Pedagógica da Pró-Reitoria de Graduação.

² Os resultados da auto-avaliação foram apresentados no relatório sobre o diagnóstico do estágio na UFRN, realizado em 2004, que teve a finalidade de subsidiar uma política de estágio na UFRN.

únicos parâmetros para a formação dos alunos. Sobre isso Romano adverte:

a invasão dos interesses imediatos do mercado, esvazia em nossas escolas a preocupação com o todo da pesquisa científica e configura o espectro de uma profissionalização ilusória, que nem mesmo atinge os fins pretendidos, isto é, garantir a subsistência aos egressos dos bancos universitários (1999, p. 43).

A compreensão desse cenário é imprescindível para uma discussão sobre o estágio como componente curricular. Responsável pela introdução do aluno no campo profissional, é no estágio que mais se evidenciam as pressões advindas do mercado, das novas relações de trabalho, do desemprego e da desregulamentação das profissões.

Ao estabelecer essas relações, o estágio possibilita ao aluno uma leitura da realidade e a construção de proposições de intervenção sobre ela. Este movimento que compreende a apreensão do real e a busca de caminhos de superação e transformação, integra o estágio às atividades de pesquisa e de extensão, tendo como condição necessária a articulação com os conhecimentos e aptidões desenvolvidas no processo formativo.

A complexidade decorrente dessa articulação dá indicações para a realização de inúmeros estudos sobre o estágio no contexto do curso. Entretanto, considerando que o objetivo desta publicação é contribuir para a elaboração e execução dos projetos político-pedagógicos dos cursos e que a limitação de espaço conferido a este artigo não permite maior explanação sobre o tema, foram priorizados três aspectos, considerados mais relevantes para esta abordagem: a) o estágio na organização dos conhecimentos da estrutura curricular; b) a contribuição do estágio à formação profissional; c) os fatores que dificultam a realização do estágio como atividade de ensino dirigida para a formação profissional.

O ESTÁGIO NA ORGANIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS DA ESTRUTURA CURRICULAR

Como atividade teórico-prática, o estágio deve relacionar-se à totalidade das ações desenvolvidas no Projeto Político-Pedagógico. Entretanto, nem sempre é possível estabelecer essa relação devido à forma como os conhecimentos se organizam na estrutura curricular. Na estrutura curricular há o conjunto de disciplinas teóricas que objetivam oferecer uma fundamentação básica e específica; e, situado, quase sempre, nos últimos períodos, há o estágio com a função de aplicar os conhecimentos adquiridos à futura vida profissional. Essa é a realidade constatada na UFRN, em que 74,5 % dos cursos de graduação realizam os estágios nos últimos períodos e apenas 25,5% o fazem a partir da metade do curso. Após realizar um cruzamento desses dados com outras informações obtidas junto aos professores, este estudo coloca algumas questões a respeito da concepção do estágio que poderão ser refletidas nas comissões responsáveis pela elaboração e execução dos Projetos Político-Pedagógicos: – Na proposta pedagógica, o estágio é uma atividade teórico-prática ou uma aplicação da teoria? Se o estágio é concebido como atividade teórico-prática, como entender a sua colocação no final do curso, em que se supõe ter o aluno acumulado quase todo o conhecimento teórico?

Na análise dos conteúdos apresentados nas ementas dos estágios predomina a compreensão do estágio como aprendizado de rotinas profissionais ou momento da aplicação dos conhecimentos teóricos. Em menor número, é considerado um instrumento de mediação entre o percurso acadêmico e o fazer profissional e, muito raramente, foi mencionada a relação com a pesquisa e a extensão.

Na tentativa de elucidar essas questões, buscou-se conhecer as percepções de professores, alunos e preceptores, participantes da oficina de auto-avaliação, sobre o estágio. De um modo geral, ele é considerado um instrumento de aquisição de experiência para competir no mercado e um elemento de aplicação e de obtenção

de conhecimentos práticos. A perspectiva de adequação da prática à teoria é predominante, revelando que o processo de organização de conhecimento está construído, tendo na sua base a dicotomia entre a teoria e a prática. Há o momento da teoria e o momento da prática, depois se tenta estabelecer uma relação direta e imediata entre um momento e outro. Também foi revelado que poucos compreendem o estágio como elemento de articulação da academia com a sociedade.

Diante dessas constatações, questiona-se até que ponto os estágios se adequam às Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação, considerando que elas enfatizam o desenvolvimento da capacidade profissional, relacionada ao exercício da crítica e da formulação de proposições, tendo em vista o atendimento aos problemas e desafios vivenciados pela sociedade.

A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO À FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A não internalização, pelos cursos de graduação, da proposta do MEC para os estágios oferece elementos para algumas reflexões sobre a caracterização do estágio no projeto curricular. Como atividade de ensino, o estágio não é, apenas, uma prática aplicada, uma verificação de teorias ou uma atividade de treinamento, mas um momento de apreensão do real no espaço de atuação profissional, desenvolvendo no aluno a capacidade de levantar problemas concretos de pesquisa que, certamente, poderão contribuir para o repensar da profissão e para o aperfeiçoamento da proposta curricular. Pois, ao introduzir o aluno no contexto do exercício profissional, *proporciona-lhe domínio de sua prática e de seu papel social, com base na reflexão contextualizada na ação, sobre a ação e sobre o próprio conhecimento na ação, num processo de ressignificação permanente* (FORGRAD, 2003. p. 183). Oferece-lhe, portanto, a oportunidade de trabalhar com a indagação e a dúvida, instrumentalizando-o para o exercício crítico da profissão e

para construção do seu projeto de intervenção na realidade – objeto de sua prática.

Além disso, o estágio oportuniza a extensão da academia às instituições prestadoras de serviço à sociedade. E, no contato com essas instituições, possibilita ao estagiário compreender a dinâmica organizacional, as relações de poder e de trabalho, imprescindíveis para sua inserção no mercado.

Restringir a compreensão do estágio ao aprendizado de atividades e procedimentos profissionais tem como consequência a formação de um profissional treinado apenas em habilidades e em procedimentos de rotina, mas despreparado para pensar, questionar e enfrentar as situações novas que são colocadas para a profissão. Se o estágio consegue, no processo de formação, criar as condições necessárias para o aluno aprender e interpretar dados da realidade, relacionando-os com outros conhecimentos e saberes, torna-o mais capacitado para compreender as relações de produção e de trabalho e as ingerências do mercado no campo profissional.

Trabalhar nessa perspectiva, exige uma (re)conceituação do estágio no projeto pedagógico. Além do seu programa de estudos, deve ser definido o papel do professor orientador que terá a função de motivar e preparar o aluno para a construção do conhecimento com base na crítica e na incorporação da atitude reflexiva e problematizadora face às questões advindas do campo profissional. Esta prática pedagógica não pode prescindir de uma direção teórica acerca do processo do conhecimento, que, em sua essência, não se manifesta de maneira direta e imediata; supõe o estabelecimento de nexos e relações, processo complexo, no qual, algumas vezes, passa-se da prática à teoria e, em outras, desta à prática. Sobre a vinculação das teorias às necessidades práticas, Vásquez mostra que *a geometria euclidiana teve como premissa a observação direta das propriedades geométricas dos corpos reais com os quais os homens mantinham uma relação prática* (1986, p. 218). Também a prática não se auto-explica e não pode ser vista como se tivesse a sua própria lógica, independente da teoria. A racionalidade da prática não transparece diretamente, necessita de um olhar, de uma

reflexão. Assim, por exemplo, a prática experimental de manipulação de um medicamento só é reveladora para aquele que a pode interpretar conhecendo a linguagem conceitual correspondente. Ao se confrontar com as dificuldades de aprendizagem, com a violência social e outros problemas vivenciados na prática do estágio, o aluno necessitará da teoria para compreendê-los, transpondo os limites do senso comum.

Se a teoria media a compreensão da prática, o desenvolvimento da prática impulsiona a produção do conhecimento. Atualmente, o avanço das tecnologias, da automação e as demandas da economia globalizada desafiam as ciências e as instituições formadoras a se redimensionarem e aperfeiçoarem as suas teorias.

Nesse sentido, exige-se, cada vez mais, que os projetos pedagógicos dos cursos de graduação cumpram o seu papel de formar profissionais para o exercício de aprender sempre, fazendo de sua prática um objeto de estudo e investigação. Na formação desses profissionais o estágio só exercerá um papel relevante, se possibilitar ao aluno o desenvolvimento de capacidades como: identificar, caracterizar, analisar as necessidades sociais, compreendendo os determinantes dessas necessidades e as possibilidades de construir ações de superação.

A reflexão dessas questões é necessária para a definição da posição e dos conhecimentos a serem desenvolvidos nos programas de estágio dos projetos curriculares, uma vez que, qualquer modificação na organização dos conhecimentos do curso deverá decorrer de um posicionamento teórico.

OS FATORES QUE DIFICULTAM A REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO COMO ATIVIDADE DE ENSINO DIRIGIDA À FORMAÇÃO PROFISSIONAL

No estudo desses fatores, além do relatório do estágio, foram consultadas outras fontes³, buscando estabelecer relações e nexos na perspectiva de evidenciar as dificuldades, consideradas mais relevantes, a saber:

a) a visão fragmentada do processo de construção do conhecimento presente na organização dos projetos pedagógicos, que tem na teoria positivista as suas raízes, valorizando as certezas e punindo as dúvidas, é um dos principais obstáculos para que o estágio cumpra a sua finalidade: introduzir o aluno no campo profissional, proporcionando a análise, a crítica, a (re)leitura da realidade, dando ao conhecimento o caráter, ao mesmo tempo, explicativo e projetivo;

b) a compreensão do estágio como o momento da aplicação ou adequação da teoria à prática, expressando a dissociação entre uma formação idealizada, constituída de um conjunto de teorias e procedimentos e uma prática profissional formada por atividades repetitivas, fragmentadas, de caráter apenas instrumental;

c) a separação entre o mundo da academia – espaço da produção intelectual, da investigação e da construção do conhecimento – e o mundo do exercício profissional – espaço do exercício da técnica, do fazer imediato, burocratizado. O supervisor da prática é o que executa e, para este, a teoria atrapalha; o professor é quem detém o saber acadêmico sobre a prática profissional, mas, na maioria das vezes, está distanciado da realidade institucional onde o estágio se realiza;

d) concepção burocrática do estágio, por parte de alguns cursos, considerando o estágio como mero cumprimento de uma

³ Foram consultados relatórios de oficinas de auto-avaliação dos cursos de graduação, realizadas pelo Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras – PAIUB, no período de 1999 a 2002.

exigência legal, desconectado do contexto acadêmico, do projeto pedagógico do curso;

e) as exigências do mercado para o exercício de uma prática voltada para o imediato, priorizando as atividades laborais em detrimento da formação profissional e cidadã;

f) a dissociação entre o estagiário aluno e o estagiário como futuro profissional, não considerando que a prática é para o aluno o espaço de identificação pessoal e de afirmação como sujeito da ação. Um exemplo desse procedimento é a avaliação do estágio centrada no cumprimento e registro de atividades, sem levar em conta a participação e a análise do aluno que as vivencia.

E, finalizando estas reflexões, é válido sinalizar para dois pontos que são da maior importância para o redimensionamento do estágio como componente curricular: – a articulação do estágio com o conjunto de conhecimentos do projeto pedagógico do curso deve ser um princípio norteador do seu programa e das orientações realizadas pelos professores orientadores; – a relação com a pesquisa e a extensão é necessária, considerando que a sua prática tem, ao mesmo tempo, um caráter explicativo e projetivo.

Redimensionar o estágio, buscando resgatar a sua identidade como componente curricular é um imperativo da universidade comprometida com a formação de profissionais que, no exercício da reflexão, da produção intelectual e da construção do conhecimento, capacitam-se para responder aos anseios da sociedade.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, R. Q.; MARINO, G. J. (organizadores). **Resgatando espaços e construindo idéias: ForGRAD 1997 a 2003**. Recife: Editora Universitária, 2003.

BARBOSA, A. G. B. **O importante papel do estágio no desenvolvimento de competências**. Revista Agora – Fascículo Atual. Ano 1, n.1, outubro de 2004.

FÁVERO, M. L. A. **Universidade e estágio curricular:subsídios para discussão**, in: ALVES, N. (Org.). Formação de Professores – Pensar e Fazer. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

PICONEZ, S. C. B. **A prática de ensino e o estágio supervisionado: a aproximação da realidade escolar e a prática da reflexão** in: PICONEZ, S. C. B. (Coord.) Col. Magistério e formação do trabalho pedagógico. Campinas: Papirus,1994.

PIMENTA, S. G. LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

ROMANO. R. **A questão epistemológica da graduação**, in: Caderno de Graduação na UCSAL: referencial para uma nova organização curricular. Salvador: ano 1, n.2. 1999.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.